## A Seta do Tempo

As lágrimas escorriam por meu rosto enquanto ele me observava com pena. Duvidei da sua intenção ao dizer que acreditava ser melhor me encontrar em uma cafeteria para me dar *aquela* notícia.

Será que ele não desconfiou que minha tristeza seria tamanha que nem mesmo o medo de ser vista chorando por estranhos iria me impedir de fazer uma cena?

Meu coração estava esmigalhado no peito, e ele ainda teve a coragem de me estender um guardanapo enquanto olhava preocupado para os lados. Eu não estava nem aí se as pessoas iriam ver meu nariz escorrendo e meus olhos inchados, porque não queria acreditar ser verdade o que me dizia.

Quis negar. Pensei ser uma piada de mal gosto e, por sinal, muito cruel. Mas então ele reafirmou novamente o que dizia e após isso ainda teve a audácia de me pedir *aquilo*.

Como eu poderia aceitar? Não havia condição em mim de concordar com aquela proposta horrível. Se me conhecesse de verdade saberia que estava me abordando da pior forma possível.

Podem dizer o que quiserem, mas, para mim, nenhuma pessoa é substituível. Ele não pensava assim e deixou bem claro seu ponto de vista quando repetiu seus argumentos.

Ao perceber que não conseguiria o que queria, se levantou e pagou nossa conta. Na verdade, a dele, uma vez que meu estômago recusou até mesmo água depois do que saiu de seus lábios.

Escondi meu rosto em minhas mãos tentando poupar ao menos um pouco de dignidade enquanto a garçonete recolhia a xícara de café vazia dele. Percebi a relutância dela em ir embora e me levantei apressadamente na intenção de salvar aquela estranha da obrigação de dizer algo reconfortante a mim.

Assim que passei pela porta, ele chegou perto de mim e me pediu para pensar com carinho em sua proposta. Disse aquilo enquanto depositava um beijo suave em minha testa e então seguiu seu caminho para o trabalho.

Três vezes mais foi o número de vezes em que insistiu para que eu reconsiderasse sua proposta e o ajudasse. Só depois de todo drama que fez para todos os membros da minha família é que me vi sem saída e decidi aceitar. Mas fui contrariada.

Voltei naquele mesmo café em que havia recebido aquela terrível notícia e proposta, que me tirava o sono desde então. Tamborilei os dedos na mesa e sorvi um gole de café enquanto esperava minha amiga chegar para compartilhar com ela todo o meu desespero.

Eu estava com medo e era uma reação ridícula, porque não iria enfrentar nada do que não estivesse dentro da minha capacidade. Afinal, fui a melhor aluna dos últimos tempos da faculdade no curso de física.

Isso mesmo. Eu, Nara Milan, era uma excelente física e totalmente capaz de enfrentar trinta adolescentes em uma sala de aula. Por favor! Por diversas vezes fui elogiada pelos meus professores da faculdade pela minha excelente oratória em sala de aula e elucidativa didática nos monitoramentos.

Mas isso não estava sendo o suficiente para me tranquilizar naquele momento. Estava com apenas vinte e quatro anos de idade e zero experiência com adolescentes.

Precisava compensar aquele desfalque na balança, por isso acreditei que vestir meu collant de manga cumprida, calça pantalona e prender o cabelo seria o suficiente para amenizar a jovialidade que trazia estampada em meu rosto. As roupas sérias eram um truque, o salto alto por baixo da calça comprida, era outro.

Mandei uma mensagem para minha amiga Vick e a apressei. Meu tempo estava no fim da ampulheta e em breve teria que lidar com duas turmas do terceiro ano. Isso se repetiria pelo restante do último semestre letivo.

Vick tinha um ano de experiência em lecionar, seus alunos tinham apenas treze anos de idade, mas isso representava muito mais comparado a mim, que saí da graduação diretamente para o mestrado. Aquela seria a primeira vez em que entraria em uma sala de aula com alunos na faixa etária de dezessete ou dezoito anos para dar seguimento ao trabalho do meu antecessor e prepará-los para o vestibular que aconteceria dali a poucos meses.

— Fique tranquila, Nara — Vick me assegurou quando ocupou o lugar vazio à minha frente. — Ainda bem que você não está formal demais ou poderia virar piada até o último dia de aula.

Aquela possibilidade sequer havia passado pela minha cabeça e assim que me dei conta daquilo fiquei ainda mais aflita e observei meu reflexo no espelho na parede ao lado.

Oh, Deus! — Lamentei. — Por que o senhor Otávio enfartou?
Vick suspirou tristemente e acenou para pedir seu café.

No ensino médio fomos alunas do senhor Otávio. A paixão dele por física teve toda influencia na minha decisão de fazer aquele curso quando me formasse no colégio.

Eu realmente estava triste por ele e fiquei relutante em aceitar a proposta que meu tio, o dono do colégio em questão, havia me feito de substituir o senhor Otávio pelo restante do ano. Ninguém poderia se comparar ao meu antigo professor. Mas fiquei sem saída quando toda família foi envolvida. Tive que ceder.

— Sinto como se estivesse pronta para entrar diretamente em uma selva sem nenhuma arma por perto para me defender. — Choraminguei e isso me fez perceber que se entrasse no colégio pensando daquela forma em questão de segundos eu seria devorada por aqueles adolescentes.

Então endireitei os ombros e mudei o discurso ao me dar comandos positivos.

— Você é capaz. — Vick ressoou meus pensamentos. — Mesmo que esse cabelo ruivo e essa cara salpicada de sardinhas não te deixem parecer uma adulta.

Agradeci sua falta de ajuda e me despedi dela. Vick ainda tentou me encorajar, mas ria muito do meu desespero.

Atravessei a entrada daquele colégio imenso, a mesma por qual passei durante longos anos da minha vida, porém daquela vez era uma situação inédita. Respirei fundo e entrei na primeira turma onde ensinaria alguns conceitos de física naquele dia.

Foi exatamente como eu imaginava que seria. Todos estavam agitados e conversavam em alto bom som enquanto compartilhavam uns com os outros as experiências que tiveram durante as férias do meio do ano.

Com o ombro erguido, e a postura exatamente igual à da professora que eu mais admirava na faculdade, caminhei até a mesa para deixar meus pertences. Ao erguer a vista, um a um os alunos foram se sentando em seus lugares.

Isso será fácil. — Pensei enquanto me dava tapinhas em minhas costas por todas as escolhas certas que havia tomado até aquele momento. Das roupas à postura. O resto não me preocuparia, porque

seria algo extremamente confortável para mim: ensinar física e discutir todo o seu universo.

Fiquei no centro do quadro negro e sorri enquanto dava um tempo para que cada um se ajeitasse em seu lugar. As garotas da primeira fila me avaliaram de baixo acima. Aquilo não me incomodou, porque eu sabia que seria um alvo de análise. Todos, exatamente todos, estavam me avaliando e talvez me comparando com seus outros professores.

— Meu nome é Nara Milan e durante esse restinho de ano espero prepará-los da melhor forma possível para o vestibular. Sei que o senhor Otávio era insubstituível, por isso essa não será minha intenção durante esses meses. Agora quero conhecer um pouquinho mais sobre vocês. — Sorri e escorei na mesa enquanto observava a sala.

Embora discutir física elétrica, mais especificamente campo magnético, estivesse no plano diário que havia recebido mais cedo, eu sabia que mais importante que aquele assunto era conquistar a confiança dos alunos.

A primeira garota da última fila começou as apresentações. Ela estava tímida no começo, mas quando recebeu de mim o incentivo para falar, como se houvessem apenas nós duas na sala de aula, disse seu nome e se soltou um pouquinho. E assim se seguiu, alguns com mais relutância e outros com um exibicionismo exagerado.

— Me chamo Arthur. Ter você como professora é muito melhor do que o senhor Otávio. — Todos riram com a brincadeira de quem percebi ser o espertinho da turma, aquele capaz de destruir um professor inseguro. — Acho que agora me apaixonei por física. — Dramatizou.

Alguns meninos concordaram entusiasmados e algumas meninas ficaram irritadas. No entanto, minha atenção foi atraída para o garoto sentado atrás do Arthur. Ele suspirou alto e revirou os olhos.

Sabia que deveria dar uma resposta rápida ao espertinho da turma antes que sentisse o controle maior do que o meu, porém, estava intrigada com o menino atrás dele. Ele não parecia ter nada em comum com o restante dos alunos. Nada mesmo.

Para começar, não aparentava ter apenas dezessete ou dezoito anos de idade. Mesmo sentado, era nítido que era alto e encorpado, diferente dos garotos que em sua maioria eram magrelos ou gordinhos e também cheios de espinhas. Se o encontrasse em qualquer lugar que não em uma sala de aula matriculado como meu aluno jamais desconfiaria que era mais novo do que eu.

Quando percebi que meu pensamento era totalmente inapropriado, voltei minha atenção completamente ao Arthur e ao seu comentário.

— A menos que você saiba o que fazer, o que não parece ser o caso, de nada adiantará ser apaixonado por *física*. — A turma inteira caiu na risada. Inclusive o garoto atrás, que abriu a leve menção de um sorriso.

Arthur ficou vermelho e se sentou em seu lugar sem ter mais nada a dizer.

— Mas estou aqui para ensinar e fiquei sabendo que você é bastante esforçado quando quer. Se quiser mesmo aprender *física* — dei ênfase na palavra — conte comigo.

Consegui colocá-lo em seu lugar ao mesmo tempo em que o conquistava para o meu lado. Aquela turma já não representava mais um perigo para mim.

Até que chegou a vez do garoto de trás. Ele me fitou intensamente. Seu olhar preso ao meu. Sua atenção sem se desviar para os lados. Seu foco totalmente em mim.

Senti um frio na barriga no momento em que me dei conta de que ele era muito atraente. E confiante. Dois elementos que alguns homens mais velhos ainda tentavam conquistar. E ele tinha. Os dois. Juntos. E era apenas um garoto.

 Francis. — Ele respondeu com um certo tom de raiva em sua voz.

Mau sinal. — Pensei comigo mesma. Seria o Francis quem me daria trabalho naquela turma, afinal, ele era o único que eu não havia conquistado. E a julgar pela forma como os outros alunos o olhavam com um certo tipo de reverência, Francis também era um grande influenciador ali.

## — Quantos anos você tem?

Não deveria ter feito aquela pergunta. Percebi isso assim que fechei a boca, mas era tarde demais para voltar atrás.

As três garotas próximas a mim disseram em tom baixo que os professores novatos sempre perguntavam isso a ele. Fiquei sem graça, porque talvez Francis havia reprovado alguns anos e a minha pergunta poderia constrangê-lo.

Estava prestes a passar para o próximo da fila e poupá-lo de me dar uma resposta quando sua forte voz sobressaiu sobre a sala:

Dezoito. — De novo apenas uma palavra em resposta.

Assenti ao mesmo tempo em que fazia o cálculo da diferença das nossas idades na velocidade da luz. Seis anos. E aquilo não deveria ser relevante para absolutamente nada. — Foi a resposta que me dei juntamente com o resultado que obtive.

Enquanto seguia com as apresentações, a atenção do Francis estava em mim. Claro que todos estavam me observando, mas a dele eu sentia. E aquilo era muito estranho.

Tive um pressentimento forte que estava entrando em apuros.